

1ª QUESTÃO: (2,0 pontos)

Avaliador

Revisor

Leia atentamente a entrevista do acadêmico Evanildo Bechara e o artigo “Nó górdio é a vaidade e a pequenez” da escritora Ângela Dutra de Menezes e reflita sobre seus diferentes pontos de vista.

• Um dos maiores conhecedores da língua portuguesa, o acadêmico Evanildo Bechara critica o acordo ortográfico de 1990, que, em sua opinião, não simplifica suficientemente as regras de emprego do hífen, e ainda admite um número excessivo de casos de acentuação. Para Bechara, a Academia Brasileira de Letras e os países lusófonos deveriam se unir para alterar “a filosofia” da reforma ortográfica.

O GLOBO: Qual sua opinião geral sobre o Acordo Ortográfico de 1990?

EVANILDO BECHARA: As mudanças foram muito modestas para conseguirmos uma unificação do sistema gráfico em Portugal e no Brasil. Não há grandes revoluções nas alterações que se vão fazer. Esse é um ponto. O outro é que as modificações no sistema brasileiro são em maior número do que as que os portugueses vão ter que fazer. Portugal a rigor só vai ter duas modificações: vão deixar de usar as consoantes mudas e eliminar o “h” inicial em palavras como úmido. O Brasil fez mais cedências.

O GLOBO: Por que se criaram tantos acentos?

BECHARA: As primeiras tentativas de reforma ortográfica datam de 1886 em Portugal, e no Brasil de 1906. Uma época em que a rede escolar era muito mais frágil do que hoje. Era necessária uma reforma em que a maneira de grafar as palavras ajudasse as pessoas a pronunciá-las corretamente. O sistema educacional ainda era precário, tanto em Portugal quanto no Brasil. Hoje, com a rede escolar, com o rádio, com a televisão, é diferente. Esses meios de comunicação ajudam mais na difusão da pronúncia correta do que a ortografia. Basta ver que há casos em que as pessoas pronunciam a palavra de um jeito diferente do indicado pela grafia.

O GLOBO: A Academia Brasileira de Letras pensa em apresentar essas propostas?

BECHARA: A ABL não pode, nesse momento. Mas se o impasse continuar, quem sabe? Minha opinião é que as academias do Brasil e de Portugal deveriam se reunir, juntamente com os outros países, para mudar a filosofia da reforma.



“As mudanças foram muito modestas” Evanildo Bechara (fragmento) Globo, Prosa & Verso, setembro de 2007

TEXTO II

Nó górdio é a vaidade e a pequenez

• Recebi a notícia de que o meu livro “O português que nos pariu” é best-seller em Portugal. “Top ten”, explicou-me, via e-mail, a Editora Civilização, da cidade do Porto.

Feliz? Nem tanto. O livro que está sendo vendido no além-mar, descumprindo um pedido meu, foi “traduzido” para o, digamos, lusitano. A descortesia dos editores esconde mais do que apenas desrespeito ao meu texto e às minhas convicções. A atitude autoritária prova que velejamos a anos-luz do acordo ortográfico que, teoricamente, está prestes a desencantar. Não desencantará. A língua é o mais forte signo de uma nacionalidade. Abrir mão de suas características significa, mesmo que simbolicamente, render-se.

Mas render-se a quê? A quem? Afinal, todos falamos português. As diferentes versões do nosso idioma não anulam a realidade de sua unidade. Negar isto é negar a belíssima história das navegações portuguesas e assumir uma atitude tímida diante do maravilhoso mundo novo. Quem acredita que os falantes de um português são incapazes de ler ou entender outro, além de se desmerecer intelectualmente, demonstra medo de perder a sua identidade, a sua História, o seu passado, o respeito próprio.



Acredito que leio e, desde criança, leio os autores portugueses no “original”. Hoje, faço o mesmo com escritores angolanos e moçambicanos e, se tropeço em uma palavra, enriqueço o meu vocabulário com leve toque no teclado do computador: um dicionário eletrônico esclarece a minha dúvida. Acredito que nós, brasileiros, somos perfeitamente decodificáveis pelos consumidores lusos, sem que alguém, paternalisticamente, precise se intrometer para avisar que o escritor quis dizer isto ou aquilo. Ou assumimos as diferenças que nos aproximam ou continuaremos alimentando a nossa triste vocação para o nada. Afinal, deve pensar quem nos cerca com um esgar de desprezo, quem é esta pobre gente que não se entende nem na língua em que fala?

“Nó górdio é a vaidade e a pequenez” Ângela Dutra de Menezes(fragmento)

O Globo, Prosa & Verso, setembro de 2007

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA - Gabarito Grupos D,E, F e G

a) Transcreva de cada texto da página anterior duas afirmativas que apresentam, de forma clara, pontos de vista diferentes quanto ao acordo ortográfico e sua implantação.

Dentre outras possibilidades de respostas, sugerem-se:

TEXTO 1 "As mudanças foram muito modestas", Evanildo Bechara	TEXTO 2 "Nó górdio é a vaidade e a pequenez", Ângela Dutra de Menezes
1. Era necessário uma reforma em que a maneira de grafar as palavras ajudasse as pessoas a pronunciá-las corretamente. 2. Hoje com a rede escolar, com o rádio, com a televisão é diferente. Esses meios de comunicação ajudam mais na difusão da pronúncia correta do que a ortografia. 3. Basta ver que há casos em que as pessoas pronunciam a palavra de um jeito diferente do indicado pela grafia.	1 As diferentes versões do nosso idioma não anulam a realidade de sua unidade. 2. Ou assumimos as diferenças que nos aproximam ou continuaremos alimentando nossa triste vocação para o nada. 3. Acredito que leio e, desde criança, leio os autores portugueses no "original". Hoje, faço o mesmo com escritores angolanos e moçambicanos e, se tropeço em uma palavra, enriqueço o meu vocabulário com leve toque no teclado do computador: um dicionário eletrônico esclarece minha dúvida.

b) Na reportagem "A riqueza da língua" da revista VEJA de 12/9/07, o músico Tony Beloto também reflete sobre a questão do acordo ortográfico.

MINHA PÁTRIA, MINHA LÍNGUA

"Creio que a unificação do português tem um sentido político positivo.

Aumenta o conceito da língua como nação. A adaptação talvez seja difícil.

Mas a língua é um organismo vivo e vai seguir em frente.

No meu trabalho de compositor, a ortografia repercute pouco. Nas letras de rock, a gente trabalha com a informalidade, com a fala da rua."

Tony Belloto,
músico da banda Titãs, autor de
Bellini e a Esfinge e apresentador
do programa *Afinando a Língua*.

Qual a importância que Tony Belloto dá ao acordo ortográfico? Justifique sua resposta.

Resposta:

Tony Beloto reconhece a importância de mudanças na ortografia por entender que a língua é um organismo vivo. Quanto ao seu trabalho, tais mudanças não interferem, sobretudo porque ele trabalha com a reprodução da fala.

2ª QUESTÃO: (2,0 pontos)

Avaliador

Revisor

Seguem exemplos de inadequações em relação ao registro padrão da língua escrita, apontadas na reportagem da revista VEJA ("A riqueza da língua") como entraves para o sucesso de profissionais de todas as áreas.

Pecados da língua

Se ele dispor de tempo.
Ela ficou meia nervosa.
Segue anexo duas cópias do contrato.
Esse assunto é entre eu e ela.

a) Reescreva a frase no padrão culto, fazendo somente as alterações necessárias.

Resposta:

Reescrita: **Se ele dispuser de tempo.**

Reescrita: **Ela ficou meio nervosa.**

Reescrita **Seguem anexas duas cópias. // Seguem em anexo duas cópias**

Reescrita: **Esse assunto é entre mim e ela.**

b) No entanto, às vezes, o desvio do padrão culto apresenta uma finalidade expressiva para a produção do sentido.



ANTIFUMO

A ASSOCIAÇÃO Brasileira de Alcoolismo e Drogas (Abrad) aproveita o Dia Mundial de Combate ao Fumo, 29 de agosto, para lançar mais uma campanha de conscientização. A peça, criada pela agência 11/21 para mostrar os malefícios do vício e estimular os fumantes a largarem o cigarro, será publicada em veículos de mídia impressa.

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA BRASILEIRA - Gabarito Grupos D,E, F e G

- Transcreva o desvio da língua culta que ocorre no texto publicitário.

Resposta:

Desvio de grafia: cérebro

- Justifique a função expressiva desse desvio no texto publicitário.

Resposta:

A função expressiva do desvio da norma (troca dos fonemas “l” / “r”) no contexto publicitário tem como objetivo enfatizar os danos materiais (cérebro/celebro) provocados pelo fumo e trazer o receptor para esse sentido: errar, de verdade, é fumar. A pessoa que fuma, pensa mal, pensa com o “cérebro”.

3ª QUESTÃO: (2,0 pontos)

Avaliador

Revisor

Leia a charge de Chico e a tira de jornal de Chris Browne e destaque o jogo lingüístico que cada autor utilizou para enfatizar determinada produção de sentido.



Observação:

“Ali Babá e os quarenta ladrões” é um dos clássicos da literatura infantil ricamente ilustrado e em cores.

Babá:apelido do deputado João Batista Oliveira de Araújo (PSOL-PA)

Resposta:

O chargista atualiza determinadas informações presentes na memória popular e, através da pontuação, desconstrói o título do livro “Ali Babá e os quarenta ladrões” e traz para o presente uma leitura crítica da realidade que o cerca. Ao desconstruir o título, produz uma outra frase em que o substantivo próprio “Ali” passa a advérbio de lugar “ali” e Babá funciona como o vocativo; a continuação da fala de natureza exclamativa sugere que naquele espaço se encontram quarenta ladrões.

b) HAGAR, o horrível

Chris Browne



Resposta:

O jogo lingüístico se centraliza na ausência/presença do artigo: “de glória” aponta para um sentido ligado a poder (em busca de glória) e “da glória” indica o interesse do personagem de encontrar uma garota que se chama Glória. Tal interpretação é ratificada pelo segundo quadro descritivo/narrativo: “é uma garota que conheci na última vez em que estive lá”.

TEXTO III

As crônicas da vila de Itaguaí dizem que em tempos remotos vivera ali um certo médico, o Dr. Simão Bacamarte, filho da nobreza da terra e o maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas. Estudara em Coimbra e Pádua. Aos trinta e quatro anos regressou ao Brasil, não podendo El-Rei alcançar dele que ficasse em Coimbra, regendo a universidade, ou em Lisboa, expedindo os negócios da monarquia.

– A ciência, disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único; Itaguaí é o meu universo.

Dito isto, meteu-se em Itaguaí, e entregou-se de corpo e alma ao estudo da ciência, alternando as curas com as leituras, e demonstrando os teoremas com cataplasmas. Aos quarenta anos casou com D. Evarista da Costa e Mascarenhas, senhora de vinte e cinco anos, viúva de um juiz de fora, e não bonita nem simpática. Um dos tios dele, caçador de pacas perante o Eterno, e não menos franco, admirou-se de semelhante escolha e disse-lho. Simão Bacamarte explicou-lhe que D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem, digeriria com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso, e excelente vista; estava assim apta para dar-lhe filhos robustos, são e inteligentes. Se além dessas prendas, – únicas dignas de preocupação de um sábio –, D. Evarista era mal composta de feições, longe de lastimá-lo, agradecia-o a Deus, porquanto não corria o risco de preterir os interesses da ciência na contemplação exclusiva, miúda e vulgar da consorte.

D. Evarista mentiu às esperanças de Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos. A índole natural da ciência é a longanimidade; o nosso médico esperou três anos, depois quatro, depois cinco. Ao cabo desse tempo fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício especial. A ilustre dama, nutrida exclusivamente com a bela carne de porco de Itaguaí, não atendeu às admoestações do esposo; e à sua resistência, – explicável, mas inqualificável, – devemos a total extinção da dinastia dos Bacamartes.

Machado de Assis, “O alienista”.

4ª QUESTÃO: (2,0 pontos)

Avaliador

Revisor

O narrador apresenta o Dr. Bacamarte como representante da ciência do século XIX, exemplificando uma atitude determinista predominante na estética literária da época.

Transcreva a passagem em que o narrador desconstrói a relação causa e consequência preconizada pelo Dr. Bacamarte.

Resposta:

“D. Evarista mentiu às esperanças de Dr. Bacamarte, não lhe deu filhos robustos nem mofinos”.

5ª QUESTÃO: (2,0 pontos)

Avaliador

Revisor

Machado de Assis, ironicamente, observa sobre o livro *O primo Basílio* de Eça de Queirós: “Porque a nova poética é isto, e só chegará à perfeição no dia em que disser o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha.”

A que estilo de época ele se refere e por que ele utiliza o argumento sublinhado para referir-se a este estilo?

Resposta:

Machado de Assis refere-se à poética do Realismo/Naturalismo, que pretendia, entre outras coisas, “retratar” fielmente a realidade. Por isso, a ironia de Machado: a “perfeição” do retrato, segundo esta poética, seria dizer “o número exato dos fios de que se compõe um lenço de cambraia ou um esfregão de cozinha”.

Cursos que Indicamos

Conheça os cursos e dê o próximo passo na sua preparação.

Clique na imagem ou no botão para acessar.



Código Matemática 2.0

Conhecer o curso



Curso Preparatório ENEM

Conhecer o curso



Curso Preparatório Redação ENEM

Conhecer o curso

